

Comunicação e ciência

Paulo da Terra Caldeira*

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice Jovelina Lima (org.). *Comunicação científica*. Brasília: Departamento de Ciências da Informação e Documentação da UnB, 2000, 144p, vol. 1.

O Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília (UnB) acaba de lançar o volume 1 da série Estudos Avançados em Ciência da Informação, dedicado ao tema da Comunicação Científica, organizado pela Professora Suzana Pinheiro Machado Mueller e pela bibliotecária Edilenice Jovelina Lima Passos. Na realidade, o trabalho tem o mérito de reunir resultados de pesquisa realizada no Brasil e no exterior com o objetivo de verificar o desenvolvimento de estudos na área e, como conseqüência, em alguns casos, a obtenção de titulação acadêmica, contando com a participação de professores e pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Destina-

investiram recursos financeiros na manutenção de suas coleções de periódicos, o que constitui “um dos indicadores mais significativos da qualidade da própria universidade como unidade de pesquisa e de ensino”. Entretanto, o aumento do preço das assinaturas de periódicos e o número crescente de títulos lançados sobrecarregam os orçamentos das bibliotecas gerando cortes na aquisição de periódicos, com conseqüências graves para os pesquisadores. A situação não foi diferente no Brasil. A alternativa de publicação de resultados de pesquisa em periódicos eletrônicos na década de 90 abre novas possibilidades para as bibliotecas e pesquisadores.

O trabalho seguinte, de A. J. Meadows, avalia o desenvolvimento da comunicação eletrônica, considerando ser “difícil a realização de um estudo longitudinal para se conhecer a reação às novas mídias que atuam na comunicação científica”. Meadows compara “a transição da mídia impressa para a mídia eletrônica com a transição do manuscrito para a imprensa”, e destaca semelhanças e diferenças. Enfatiza a necessidade de sistematizar e padronizar os processos de apresentação, divulgação e armazenamento de informação, uma vez que a taxa de evolução da comunicação eletrônica é muito mais rápida do que a da impressa. Jane M. Russell, por seu turno, discorre sobre as tecnologias eletrônicas de comunicação: bônus ou ônus para os países em desenvolvimento? Considera que a ciência é um fenômeno global com limitações para sua universalidade, limitações devidas às diferenças nas capacidades sociais, intelectuais e econômicas dos países. Assim, a produção e o uso eficiente do conhecimento estão concentrados em alguns poucos países. Discute o papel das novas tecnologias eletrônicas de comunicação na redução da defasagem da informação científica, destacando os entraves tecnológicos e não tecnológicos à expansão da tecnologia da informação nos países em desenvolvimento. Conclui que as questões ligadas às limitações políticas, sociais, econômicas, legais etc. contribuem para que a sociedade da informação demore a chegar a muitos países em desenvolvimento, uma vez que “a tecnologia é apenas um meio, enquanto permanecem basicamente sem modificações as fortalezas e fraquezas intelectuais, sociais e emocionais dos povos, as estruturas organizacionais e culturais, as realidades geopolíticas e a miopia dos políticos”.

Maria das Graças Targino analisa a região geográfica como fator interveniente na produção de artigos de periódicos científicos, a partir de cursos de pós-graduação. Afirma que a inserção geográfica favorece o grau de excelência institucional e a produção científica dos pesquisadores, não assegurando o mérito das instituições. Há predomínio da área científica nas regiões sul e sudeste, motivado pelas desigualdades socioeconômicas e culturais desses locais onde se concentram os centros de produção que recebem mais investimentos e congregam um número significativo de cientistas que, por sua vez, assumem postos de decisão nas editoras e instituições de fomento à pesquisa.

Suely Gomes discute a apropriação dos periódicos eletrônicos. Repensando as abordagens teóricas, considera que são eles produtos da ação humana e devem ser utilizados como instrumento para facilitar o acesso e a circulação do conhecimento em termos de velocidade e quantidade. A lenta aceitação do periódico eletrônico pela comunidade científica é avaliada através das perspectivas do determinismo tecnológico e da construção social possibilitando

“apreender como tecnologia e estruturas (cognitivas, sociais e materiais) se autocondicionam para resultar em uma nova ordem social que não reflete nem uma lógica puramente racional, baseada na eficiência e na eficácia, nem naquela meramente comunicacional, fundamentada nos interesses, hábitos, crenças ou atitudes de indivíduos, mas no embate entre essas duas esferas”.

Sely M. S. Costa avalia as mudanças no processo de comunicação científica, media nte o impacto do uso de novas tecnologias. Apresenta análise sociológica do problema, focalizando

questões relacionadas “às pressões econômicas, sociais, políticas para que os pesquisadores façam uso de computadores e redes eletrônicas na comunicação de pesquisa, oriundos de indivíduos e organismos internos e externos ao meio acadêmico”. Um dos principais impactos do uso de computadores e redes eletrônicas para a comunicação de pesquisa entre os cientistas sociais “é o aumento da dinâmica nas interações (com os pares - interações sociais - e com os recursos de informação) dentro das comunidades científicas”.

Ida R.C. Stumpf aborda a comunicação da ciência na universidade, com o caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Analisa a produção do conhecimento e sua circulação na universidade, os canais de divulgação de pesquisas, principalmente as fontes primárias. Os pesquisadores responsáveis pelos projetos de pesquisa executados ou em execução à época do estudo divulgam os resultados em eventos (áreas das ciências biológicas, engenharia, humanidades, ciências sociais e aplicadas). Os pesquisadores das ciências biológicas, os da saúde e os das ciências exatas são os que mais publicam artigos em revistas científicas; os das áreas de lingüística, letras e artes e ciências sociais e aplicadas publicam maior número de livros. Menos da metade dos projetos de pesquisa consegue publicar artigos em revistas e, quando o fazem, publicam apenas em periódicos nacionais (exceção para aqueles das áreas biomédicas e exatas). As idéias geradas pelos projetos de pesquisa e as referências bibliográficas são usadas como material de consulta no ensino.

Lídia Alvarenga apresenta alguns enunciados sobre a comunicação científica entre pesquisadores da área de educação filiados à Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPEd), decorrentes de resultados de uma pesquisa desenvolvida com os objetivos de: identificar as preferências dos pesquisadores quanto às fontes de informação consultadas para a produção de conhecimentos; identificar as preferências dos pesquisadores quanto às fontes utilizadas para divulgar os resultados de pesquisas; verificar o hábito de se publicar em periódicos nacionais e estrangeiros; levantar as opiniões de pesquisadores sobre a substituição do periódico convencional em papel pelo periódico eletrônico. A autora confirma que os pesquisadores da ANPEd privilegiam os trabalhos apresentados em eventos que reúnem membros da comunidade científica e que, quanto ao uso de novas tecnologias, foi identificada propensão em se adotar um modelo híbrido, caracterizado pela coexistência ou complementação entre formas tradicionais de publicação e as novas tecnologias.

Os autores das contribuições incluídas na referida série são profissionais competentes e experientes em suas respectivas áreas. Arthur Jack Meados formou-se em Física pela Universidade de Oxford, na Inglaterra, em 1957, atuando na Loughborough University, de 1986 a 1996. Dentre suas publicações destacam-se *Communication in science* (1974), um clássico da temática; *Communicating research* (1998), reeditado recentemente em português sob o título de *A comunicação científica* (1999).

Edelenice Jovelina Lima Passos, por sua vez, atua como Chefe do Serviço de Apoio Técnico da Consultoria Legislativa do Senado Federal e como co-editora da Revista de Biblioteconomia de Brasília. Ida Regina Chitto Stumpf, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, é titular do Departamento de Ciências da Informação da UFRGS. No que diz respeito a Jane Margaret Russell, na condição de doutora em Ciência da Informação pela City University, Inglaterra (1999), atua como professora e pesquisadora da Universidad Nacional Autónoma de México. Lídia Alvarenga, doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, exerce, no momento, a função de vice-diretora da Escola de Ciência da Informação. Maria das Graças Targino, doutora em Ciência da Informação pela UnB, é professora visitante do Curso de Mestrado em Ciência da Informação na Universidade Federal do Piauí (UFMG), e colaboradora dos cursos de

pós-graduação da área, nos estados do Maranhão e Paraíba. Sely Maria de Sousa Costa, doutorada pela Loughborough University, Inglaterra (1999), exerce suas funções junto à UnB, enquanto Suely Henrique de Aquino Gomes, também doutora pela UnB, é servidora do IBICT com lotação provisória junto à Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de Goiás. Finalizando, Suzana Pinheiro Machado Mueller, doutora pela Universidade de Sheffield, Inglaterra (1982), ocupa o cargo de professora titular do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da UnB. Também lidera o grupo de pesquisa Comunicação Científica (registrado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), e edita a Revista de Biblioteconomia de Brasília.

* Professor da Universidade Federal de Minas Gerais, editor-geral da revista *Perspectivas em Ciência da Informação*.